

EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA E ECOLOGIA INTEGRAL EM OPOSIÇÃO À SEMIFORMAÇÃO DA INDÚSTRIA CULTURAL

CRITICAL ENVIRONMENTAL EDUCATION AND INTEGRAL ECOLOGY IN OPPOSITION TO THE SEMIFORMATION OF THE CULTURAL INDUSTRY

MACHADO, Luciano Rodolfo de Moura¹

AGOSTINI, Nilo²

Resumo

Os mecanismos do capitalismo, pelo acúmulo do capital, alimentam forças que não mais respeitam os limites do sistema do planeta Terra para a sua regeneração. Neste sentido, buscamos problematizar as raízes e identificar as possíveis respostas a este desafio, à medida que dialogamos com o pensamento de Adorno, principalmente com as categorias de “semiformação” e “indústria cultural”, com o intuito de contribuir na busca de uma Ecologia Integral. Este artigo pretende avançar no diálogo entre a Educação Ambiental Crítica e o conceito de Ecologia Integral, presente como proposta fundante da Encíclica *Laudato Si*, documento redigido pelo Papa Francisco, que também procura desvelar nossa sociedade como reprodutora das relações que propiciam a atual crise socioambiental. A contribuição inevitável da educação para a construção de sociedades mais sustentáveis deve ser apoiada e apenas será possível por meio de uma educação crítica e transformadora, sentido para o qual que este texto pretende contribuir.

Palavras-chave: Educação Ambiental Crítica; Semiformação; Indústria Cultural; *Laudato Si*.

Abstract

The mechanisms of capitalism, through capital accumulation, encourage forces that no longer respect the limits of the Earth system regeneration. In this sense, we seek to problematize the roots and identify the possible answers to this challenge, as we dialogue with the ideas of Adorno, mainly in the "semi-formation" and "culture industry" categories, aiming to contribute with the search of an Integral Ecology. This article intends to advance the dialogue

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação – USF (Universidade São Francisco), Campus Itatiba, e-mail: prof.lucianosjc@gmail.com. Participante do Grupo de Pesquisa Teoria Crítica e Teorias Críticas Latino Americanas e Educação – GP TCTCLAE USF CNPq.

² Pós-doutor em Educação pela Universidade Federal de São Carlos SP, com estágio na Escola de Altos Estudos de Paris. Doutor em Teologia pela Universidade de Ciências Humanas de Strasbourg, França. Docente do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação da USF (Universidade São Francisco), Campus Itatiba. E-mail: nilo.agostini@usf.edu.br. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Teoria Crítica e Teorias Críticas Latino Americanas e Educação – GP TCTCLAE USF CNPq.

between Critical Environmental Education and the concept of Integral Ecology, present as the founding proposal of the Encyclical *Laudato Si*, written by Pope Francis, that also seeks to reveal our society as a reproducer of the relations that propitiate the current socio-environmental crisis. The inevitable contribution of education to building more sustainable societies must be supported and will only be possible through a critical and transformative education to which this text aims to contribute.

Keywords: Critical Environmental Education; Semi-formation; Culture Industry; Laudato Si.

Introdução

O presente texto é inicialmente fruto de uma leitura de Wolfgang Leo Marr (2003), “Adorno, semiformação e educação”. Sua precisão na conceitualização e no esclarecimento de termos presentes na obra de Theodor W. Adorno levou-nos à compreensão de nossa sociedade, sobretudo como nela se estabelece uma simbiose e unidade com o sistema capitalista. Desejamos, a partir destas análises, avançar na direção e no encontro dos termos apresentados, estabelecendo um diálogo entre a Educação Ambiental Crítica e o conceito de Ecologia Integral, presente na Encíclica *Laudato Si*³, como proposta fundante e articuladora dos seus diversos temas. Este documento, redigido pelo Papa Francisco, também procura desvelar nossa sociedade como reprodutora das relações que propiciam a atual crise socioambiental. Este diálogo com a ciência é de fundamental importância, conforme aponta Agostini (2013):

O diálogo contém uma força propulsora capaz de chamar todos a participarem de uma mesma mesa em busca da verdade e em prol da vida. Dentro do cenário da Igreja Católica, vimos emergir, sobretudo a partir do Concílio Vaticano II, a busca de um diálogo da Igreja com o mundo em que se vive. (AGOSTINI, 2013, p. 187).

De fato, como salienta o próprio Papa Francisco, “a ciência e a religião, que fornecem diferentes abordagens da realidade, podem entrar num diálogo intenso e frutuoso para ambas”

³ Carta Encíclica *Laudato Si*, sobre o cuidado com a Casa Comum, 2015, presente em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acessada em 04 de março de 2019. Todas citações diretas e indiretas do documento estarão identificadas pela sigla LS, acompanhada do número do parágrafo do referido documento.

(LS 62). O capitalismo contém mecanismos que, pelo acúmulo do capital, alimentam forças que não mais respeitam os limites do sistema do planeta Terra, dificultando ou impedindo a sua regeneração. Neste sentido, buscando problematizar as raízes e quais as possíveis respostas para este desafio, travamos um diálogo com o pensamento de Adorno, principalmente com as categorias de “semiformação” e “indústria cultural”, em uma contribuição para o entendimento e a busca de uma Ecologia Integral.

Adorno e Horkheimer (1995), na obra *Dialética do Esclarecimento* (1944), cunharam o termo “indústria cultural” como aquela que proporciona o consumo mercantil e capitalista dos bens culturais. Já a categoria de “semiformação” foi cunhada por Adorno para traduzir como a reprodução da vida se dá sob o monopólio da cultura de massas, de forma determinante na formação da sociedade contemporânea capitalista.

É necessário problematizarmos o consumismo como promotor de um ambiente insustentável. Os bens culturais massificados, consumidos pela sociedade, precisam ser desmascarados pela Educação Ambiental em um movimento histórico de ruptura com a modernidade capitalista, de forma que evidencie que a crise ambiental é fruto de um sistema econômico excludente e que vem esgotando os sistemas naturais.

O uso dos bens naturais, a quantidade disponível, seu uso e escassez não podem ser medidos por um discurso simplista de controle populacional, mas sim a partir da análise profunda de um sistema econômico excludente, como aponta Papa Francisco:

Culpar o incremento demográfico em vez do consumismo exacerbado e seletivo de alguns é uma forma de não enfrentar os problemas. Pretende-se, assim, legitimar o modelo distributivo atual, no qual uma minoria se julga com o direito de consumir numa proporção que seria impossível generalizar, porque o planeta não poderia sequer conter os resíduos de tal consumo. Além disso, sabemos que se desperdiça aproximadamente um terço dos alimentos produzidos, e «a comida que se desperdiça é como se fosse roubada da mesa do pobre». (LS 50).

Neste sentido, é preciso evocar uma educação que aponte para outros estilos de vida, denunciando o quanto o consumismo obsessivo é provocado pelas forças do capitalismo, levando as pessoas a tornarem “normais” nas condições que lhe são impostas pelo mercado, sem a devida reflexão, com a falsa impressão que as consequências do desenvolvimento são inerentes e razoáveis. A ideia do valor da liberdade, traduzida pelo prazer imediatista do consumo, símbolo discursivo irrefutável do capitalismo, faz crer que todos são livres pelo ato

de comprarem o que e quando quiserem, quando, na verdade, apenas uma minoria assim o pode, ficando excluída uma maioria em nosso planeta (LS 203).

A questão do egoísmo, como motor de uma voracidade consumista e inconsequente, também precisa ser enfrentada pelos processos educativos:

A situação atual do mundo «gera um sentido de precariedade e insegurança, que, por sua vez, favorece formas de egoísmo coletivo». Quando as pessoas se tornam auto-referenciais e se isolam na própria consciência, aumentam a sua voracidade: quanto mais vazio está o coração da pessoa, tanto mais necessita de objetos para comprar, possuir e consumir. Em tal contexto, parece não ser possível, para uma pessoa, aceitar que a realidade lhe assinale limites; neste horizonte, não existe sequer um verdadeiro bem comum. Se este é o tipo de sujeito que tende a predominar numa sociedade, as normas serão respeitadas apenas na medida em que não contradigam as necessidades próprias. Por isso, não pensemos só na possibilidade de terríveis fenômenos climáticos ou de grandes desastres naturais, mas também nas catástrofes resultantes de crises sociais, porque a obsessão por um estilo de vida consumista, sobretudo quando poucos têm possibilidades de o manter, só poderá provocar violência e destruição recíproca. (LS 204)

Da mesma forma, merece cuidado o avanço tecnocrático e a intervenção humana nos processos naturais. Não raro, se quer substituir a responsabilidade pelos efeitos do consumismo, como se a tecnologia fosse capaz de resolver todos os problemas advindos de um consumo ilimitado dos bens naturais e dos rejeitos gerados pelos processos de extração, transformação, distribuição e descarte final, que se excluem de um processo circular ou sistêmico (LS 34). É preciso lembrar que a excessiva exploração dos bens naturais excede a capacidade da reprodução natural e assimilação de resíduos ou rejeitos pelos ecossistemas, enquanto promove a iniquidade no uso das riquezas produzidas de uma forma desigual e injusta.

Neste sentido, as categorias de “semiformação” e “indústria cultural” podem ser úteis à Educação Ambiental para uma Ecologia Integral e para o enfrentamento das forças predatórias deste sistema. Mas de qual Educação Ambiental estamos falando? E o que é Ecologia Integral?

Educação Ambiental Crítica e Ecologia Integral

Carlos Frederico B. Loureiro (2012), um dos maiores expoentes da Educação Ambiental brasileira, de orientação crítica, nos aponta as bases que a sustentam e que historicamente vem sendo construída no Brasil.

Tratamos da Educação Ambiental definida no Brasil a partir de uma matriz que vê a educação como elemento de transformação social inspirada no diálogo, no exercício da cidadania, no fortalecimento dos sujeitos, na superação das formas de dominação capitalistas e na compreensão do mundo em sua complexidade e da vida em sua totalidade. (LOUREIRO, 2012, p. 28).

Esta concepção de Educação Ambiental, segundo Loureiro (2012, p. 37), é fortemente amparada pela ideia de emancipação proposta por Adorno, já que seria “um movimento de libertação consciente e de superação permanente das formas de alienação material e simbólica, coletiva e individual, existentes em cada fase historicamente definida”.

Para Adorno, não existe separação entre educação e os processos emancipatórios. A emancipação é consequência da verdadeira educação. Ainda, segundo Loureiro (2005), percebe-se que a Educação Ambiental Crítica mantém vínculos profundos com a Teoria Crítica e sua contribuição para a educação. A crítica à sociedade e à ciência são princípios metodológicos mútuos.

A Ecologia Integral, conceito fundante da *Laudato Si'*, se alinha à Educação Ambiental Crítica pois procura desmascarar as relações existentes entre a injustiça social e ecológica, ao mesmo tempo em que funda numa visão abrangente e interdisciplinar do conhecimento, se contrapondo a visão fragmentada e cartesiana do saber. É preciso ressaltar que tudo está interligado, conectado. Que as ações, no trato com a natureza, pressupõem reações, mesmo a longo prazo, pois as ações que se realizam em uma parte do globo terrestre podem ser sentidas em outras, já que estamos interligados em um grande ecossistema. Esta visão ecológica vai além de um estereótipo vingativo da natureza, supondo, isto sim, relações de interdependência e corresponsabilidade.

O ecoteólogo Afonso Murad, juntamente com outros teólogos brasileiros, discutiram em um encontro sobre Ecoteologia, realizado em Brasília (DF), nos dias 16 e 17 de dezembro

de 2017, várias questões acerca do conceito de Ecologia Integral, bem como a *Laudato Si* e a Ecoteologia, por meio de várias abordagens, que propiciaram a criação de vários textos publicados na Revista Ecoteologia⁴.

Murad identifica a Ecologia Integral como elemento chave na Encíclica *Laudato Si* e a referencia à partir de muitos parágrafos do documento, conforme a seguir:

A Ecologia Integral abarca: ecologia ambiental, econômica e social (LS 138-142), ecologia cultural (LS 143-146) e ecologia da vida cotidiana (LS 147-155). Relaciona-se com o Bem Comum, clássico princípio da Doutrina Social da Igreja, e a opção preferencial pelos pobres (LS 156-158). Inclui ainda um princípio emergente consensual: a justiça intergeracional, compromisso para com as futuras gerações, (LS 159-162) (MURAD, 2017, p.6).

Outras questões também são colocadas, na visão de Murad, acerca da Ecologia Integral, presente na Encíclica *Laudato Si*, destacando a manutenção da vida no planeta engendrada com a justiça social.

Murad (2017) faz suas considerações acerca do adjetivo “integral”, que acompanha o entendimento de qual ecologia estamos tratando. Faz a distinção entre a palavra “integral” e seus derivados, com seus antônimos, a exemplo das palavras “parcial e uni-dimensional”. “Integral” é lida como sinônimo de inteiro, mas compreendendo a importância da construção processual e coletiva do conceito de ecologia, sem pretensões totalizantes e acabadas. O autor explora o conceito de ecologia contemporânea, explicando a importância do uso sustentável dos bens naturais e as relações de interdependência dos ciclos naturais, no qual o homem faz parte e tem responsabilidades no seu cuidado. Uma ecologia para ser integral necessita da compreensão das relações socioambientais, reconhecendo o humano como parte da natureza. Esta ecologia entende que as condições desfavoráveis de miséria e da fome de parte da humanidade, assim como qualquer injustiça social, precisam ser entendidas no mesmo discurso do cuidado com o ambiente, um ambiente integral que considera o ser humano excluído da mesma forma que é preciso cuidar das espécies ameaçadas. Faz parte também da ecologia integral o despertar da sensibilidade para a beleza, no entendimento da beleza não

⁴ A segunda edição da Revista Ecoteologia, que abarca as referências aqui reproduzidas, encontra-se no site da REPAM - Rede Eclesial Pan Amazônica, no seguinte endereço: <http://repam.org.br/wp-content/uploads/2018/08/ECOTEOLOGIA-Revista-2-edi%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acessado em 04 de março de 2019.

padronizada, objeto de consumo. Mas uma beleza revelada à luz da ética, conforme o parágrafo abaixo:

Não se deve descurar nunca a relação que existe entre uma educação estética apropriada e a preservação de um ambiente sadio. Prestar atenção à beleza e amá-la ajuda-nos a sair do pragmatismo utilitarista. Caso contrário, continuará a perdurar o modelo consumista, transmitido pelos meios de comunicação social e através dos mecanismos eficazes do mercado (LS 215).

Por fim, Murad destaca que a Ecologia Integral apresentada pelo Papa Francisco, em sua encíclica, abarca uma concepção de ecologia aberta a “múltiplas abordagens, levando em conta não somente a ciência, mas também a sabedoria dos povos e o patrimônio espiritual das religiões” (MURAD, 2017, p. 8).

Educação Ambiental Crítica para uma Ecologia Integral: um caminho de emancipação para a superação da alienação

Existe uma preocupação com a forma da construção dos conceitos, para que os mesmos não sirvam como fator de reprodução social, a fim de que se possa superar a dicotomia sujeito/objeto. A sociedade capitalista mantém esta dicotomia com a finalidade de conduzir o ser humano a um estado de alienação das relações entre sociedade-natureza.

Esta alienação tem suas origens, como interpretou Marx, desde o momento em que os produtos, oriundos do trabalho da sociedade, deixaram de cumprir a função de satisfação humana e se tornaram fetiches (PORTILHO, 2005). A promoção da cultura do “ter”, em detrimento a cultura do “ser”, é consequência desta alienação presente no consumismo, que promove a expansão de um conjunto de valores hedonistas estimulando a sociedade a buscar a satisfação por meio da aquisição e exibição de um grande volume de bens e serviços, sem se preocupar com origem e ou os impactos ambientais destes. Para Adorno, o consumo de forma massificada é visto como uma forma de propaganda e manutenção ideológica da sociedade capitalista.

Marr (1995), no capítulo de introdução de “Educação e Emancipação” de Adorno “A guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa”, nos auxilia a compreender a necessidade deste pensamento crítico, já apontada por Adorno. É preciso lembrar que a

educação não é, de per si, um fator de emancipação, necessitando de um exercício de crítica permanente, pois a educação pode estar a serviço de um condicionamento social. Para superar este quadro, cabe à teoria crítica analisar a formação social, revelando que os mecanismos que tornam a sociedade como ela é não são fruto do acaso:

O que dizer, por exemplo, de um mundo em que a fome é avassaladora, quando a partir de um ponto de vista científico-técnico já poderia ter sido eliminada? Ou, o inverso: como pode um mundo tão desenvolvido cientificamente apresentar tanta miséria? Este é o problema central, insiste o nosso autor: o confronto com as formas sociais que se sobrepõem às soluções "racionalis". O problema maior é julgar-se esclarecido sem sê-lo, sem dar-se conta da falsidade de sua própria condição. Assim como o desenvolvimento científico não conduz necessariamente à emancipação, por encontrar-se vinculado a uma determinada formação social, também acontece com o desenvolvimento no plano educacional. (MARR, 1995, p. 15).

Ainda segundo Marr (1995), é preciso problematizar que as questões relacionadas à formação educacional são um resultado esperado e planejado do processo mercantil, no qual a “semiformação” tem o papel de ameaçar a subjetividade e a liberdade de pensamento para a manipulação das massas. A “indústria cultural”, com todo o seu aparato poderoso do marketing, cerceia as liberdades individuais ao impor modelos de vida baseados em opulência, prestígio e poder, como modelo superior a ser seguido, cerceando a formação de outras formas de pensar e agir coletivamente, em busca do bem comum:

Vimos que a "indústria cultural" é a cultura totalmente convertida em mercadoria, no plano da totalização da estrutura da mercadoria na formação social, inclusive no plano das próprias necessidades sensíveis a que correspondem os valores de uso dos bens na sociedade de consumo. (MARR, 1995, p. 21).

É papel da Educação Ambiental Crítica a caminho de uma Ecologia Integral auxiliar a sociedade a superar as relações de alienação, dominação e expropriação, como forma de superar o que Adorno categorizou como “semiformação”, como decorrência da ação da “indústria cultural”.

Os processos educativos e o agir são dimensões próprias que ganham condição para transformar a sociedade à medida que se relacionam e se constituem de forma mútua. A teoria

e a prática devem estar associadas para que tomemos consciência do mundo e de nós mesmos, sendo capazes de identificar a sociedade quando reproduz comportamentos alienados e alienantes. Por isso, são processos emancipatórios a tomada de consciência de nossa inserção e da manutenção de uma sociedade de consumo, das consequências da deterioração do ambiente e de seus riscos para toda a humanidade.

Percebemos assim o quanto a Educação Ambiental Crítica bebe da concepção de educação em Adorno (1995), sendo sua finalidade a emancipação. Destacamos a citação:

E assumindo o risco, gostaria de apresentar a minha concepção inicial de educação. Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; sua ideia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado. (ADORNO, 1995, p. 141-142).

A Educação Ambiental Crítica, mantendo a sua identidade emancipatória, possui uma postura crítica em relação às adversidades que a crise ambiental e civilizatória nos coloca, partindo do princípio que o nosso estilo de vida é insustentável e que precisamos juntos procurar novos caminhos. Para tanto, é necessário compreendermos o ambiente em sua complexidade, tomando sempre o cuidado de propiciar o diálogo entre as ciências, aproximando as diversas dimensões que a compõe e nela se entrelaçam. É igualmente necessário decifrar as questões de ordem política, social e econômica que a engendram, buscando não separar as relações das causas e dos problemas ambientais (relação do interesse privado sob os de interesse coletivo) e seus efeitos.

A educação crítica é tendencialmente subversiva. É preciso romper com a educação enquanto mera apropriação de instrumental técnico e receituário para a eficiência, insistindo no aprendizado aberto à elaboração da história e ao contato com o outro não idêntico, o diferenciado. (MARR, 1995, p. 27).

Como enredo desta Educação Ambiental Crítica, percebe-se como fundamental a defesa da democracia e o entendimento que sem ela não há espaço para a construção de uma sociedade que deseja romper com os modelos desenvolvimentistas, baseados na economia de mercado e que percebe a natureza exclusivamente como fonte de recursos e não como bens coletivos de toda uma humanidade, inclusive das gerações vindouras. Aqui vemos como a categoria “Indústria cultural” em Adorno e Horkheimer é de suma importância, pois percebemos o quanto a indústria, que transforma bens culturais para o mercado de consumo capitalista, utiliza-se da propaganda para ocultar a realidade aos sujeitos, tornando-se estes apenas consumidores, sem refletir sobre os impactos do consumo no esgotamento dos bens naturais.

Assim, a orientação ética do conhecimento deve estar vinculada ao desenvolvimento da ciência com esta finalidade, primando pela busca da autonomia e da ampla defesa das liberdades e potencialidades humanas, respeitando uma nova relação entre a nossa espécie humana e as demais espécies e todo o ambiente em que elas vivem e sobrevivem. Esta relação do homem com o todo deve compreender as amplas conexões de interdependência entre as espécies para o equilíbrio do sistema do planeta Terra, com a manutenção de seus diversos ciclos naturais. Deve igualmente compreender qual o papel e responsabilidade da espécie humana para a proteção de todas as formas de vida.

Na *Laudato Si*, o Papa Francisco faz um convite para um educação e espiritualidade ecológicas que aponte para um outro estilo de vida:

Mas nem tudo está perdido, porque os seres humanos, capazes de tocar o fundo da degradação, podem também superar-se, voltar a escolher o bem e regenerar-se, para além de qualquer condicionalismo psicológico e social que lhes seja imposto. São capazes de se olhar a si mesmos com honestidade, externar o próprio pesar e encetar caminhos novos rumo à verdadeira liberdade. Não há sistemas que anulem, por completo, a abertura ao bem, à verdade e à beleza, nem a capacidade de reagir que Deus continua a animar no mais fundo dos nossos corações. A cada pessoa deste mundo, peço para não esquecer esta sua dignidade que ninguém tem o direito de lhe tirar. (LS 205).

Neste apelo do Papa Francisco, ao olhar e não esquecer a própria dignidade, está implícita a capacidade humana de escapar das amarras que lhe são impostas, também pelas forças do mercado, como refletidas neste texto a partir da concepção de “indústria cultural”. Reconhecer estas amarras por meio de uma educação ambiental crítica poderá promover a “emancipação” que a Ecologia Integral requer para a superação das desigualdades sociais que estão implícitas na crise ambiental. Cuidar da “Casa Comum”, expressão utilizada pelo Papa Francisco, requer um processo educativo libertador, pois diante de “um mecanismo consumista compulsivo para vender os seus produtos, as pessoas acabam por ser arrastadas pelo turbilhão das compras e gastos supérfluos” (LS 203).

Para finalizar, é importante ressaltar os principais elementos, conforme Loureiro (2005), a serem buscados na prática de uma Educação Ambiental Crítica, a fim de que haja uma coerência entre as categorias apontadas (os suportes conceituais de Adorno apresentados) e a prática em Educação Ambiental. É preciso o entendimento que o ato educativo também é um ato político (viver e construir a *polis* – a cidade e seus entornos), buscando a emancipação no desenvolvimento da capacidade de saber relacionar os problemas ambientais com o contexto social. O processo educativo, construído pelo diálogo, deve buscar o envolvimento de diferentes grupos sociais para a resolução de problemas de forma coletiva, tendo em conta a horizontalidade das relações; assim, por meio da distribuição de atribuições de forma equitativa entre os participantes, reduziremos a hierarquia de poder que fomenta as desigualdades das estruturas sociais capitalistas.

É necessária uma educação para o cuidado com a Terra, o lar comum de toda a humanidade, para apreciar e preservar seus bens naturais e coletivos. A contribuição inevitável da educação para a construção de sociedades mais sustentáveis deve ser reivindicada e apoiada; ela apenas será possível por meio de uma educação crítica e transformadora.

A Educação Ambiental de orientação crítica, a caminho dos pressupostos da Ecologia Integral, presentes na Encíclica *Laudato Sí*, é uma proposta privilegiada para superar a semiformação e a alienação socioambiental. Neste caminho, poderemos promover a emancipação, que apenas uma verdadeira educação pode alcançar, como sugere Adorno.

Referências

ADORNO, T.W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AGOSTINI, N. Igreja Católica e ciências: por uma cultura do diálogo e da vida. **Revista Pistis & Praxis** (Impresso), Teol. Pastor., Curitiba, v. 5, n. 1, p. 185-205, jan./jun. 2013.

IGREJA CATÓLICA. Papa Francisco. **Carta Encíclica Laudato Si**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajatórias e fundamentos da educação ambiental**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LOUREIRO, C. F. B. Teoria Crítica. In: JÚNIOR, Luiz Antônio Ferraro (Org.). **Encontros e Caminhos**: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores (es). Brasília MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005, p.323-332.

MARR, W. L. Adorno, Semiformação e Educação. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. , n. , p. 459-476, ago. 2003.

_____. A guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. In: ADORNO, T.W. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995, p. 11-28.

MURAD, A. Laudato Si e a Ecologia Integral. **Revista Ecoteologia**, n. 2, p.5-12 , Brasília: REPAM, 2017.

PORTILHO, F. **Sustentabilidade Ambiental, Consumo e Cidadania**. São Paulo: Cortez, 2005.